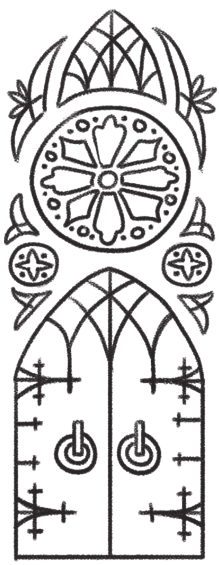
PRIMEIRA PARTE

BRIDGET DAWN WELLES & THOMAS BALLANTYNE
CAPELA DE ST. JUDE, KENTISH TOWN
22 DE MAIO





Nunca percebi esta cena das despedidas de solteira. Embora, dadas as minhas experiências com *garden parties*, jantares e festas de gala, talvez eu simplesmente não goste de festas em geral. O que, em retrospetiva, pode explicar por que razão passei uma boa parte dos meus anos de festeiro a sentir-me infeliz e a odiar-me. Crescimento pessoal. Eu estava a arrasar.

E também estava a arrasar na despedida de solteira da Bridge. Ou melhor, na despedida sem género específico, porque ela nunca iria permitir que a sua grande festa pré-nupcial excluísse metade dos seus amigos. Além disso, visto que ela me tinha escolhido para dama de honor, isso implicaria excluir-me, o que teria sido estranho. Mesmo que, até certo ponto, eu secretamente tivesse preferido uma noite em casa com o meu incrível namorado advogado.

O meu incrível namorado advogado que ainda me parecia ser um incrível namorado advogado passados dois anos inteiros.

O meu incrível namorado advogado que — por causa da parte do advogado incrível, e não por causa da parte do namorado — estava atrasado.

Como tal, ali estava eu, na área VIP e devidamente isolada de um bar de *cocktails* sofisticado e acessível, com um chapéu-vulva de croché enfiado na cabeça. Um chapéu-vulva de croché feito à medida que eu tinha encomendado a uma das amigas da Bridge quando percebi que a parafernália genital da despedida de solteira pendia fortemente na direção dos pénis a toda a hora. E, claro, eu podia simplesmente

ter optado por uma decoração sem genitália, mas então não teria sido uma festa decente sem género específico, o que teria deixado a Bridge triste. E deixar a Bridge triste era uma coisa que eu queria evitar, tanto na minha qualidade de dama de honor como na qualidade de, bem, amigo dela.

O James Royce-Royce tirou um chupa-chupa com a forma de uma piroca do frasco de chupa-chupas que tinha a forma de, surpresa das surpresas, uma piroca. Era a primeira vez que eu o via em meses, ou ao marido, o James Royce-Royce, sem o filho recém-adotado. O filho recém-adotado ao qual eles inevitavelmente tinham chamado James. Embora, para evitar confusões, eles apenas lhe chamassem Bebé J.

— Desculpa que te diga, Luc — disse-me ele. — Estou um pouco ofendido por teres optado por doces fálicos de produção comercial em vez de pedires a minha contribuição.

A Bernadette May, uma autora de livros de culinária relativamente famosa com quem a Bridge passara por tantos desastres laborais que elas tinham acabado amigas por pura necessidade, deitou-lhe um olhar de desdém do outro lado da mesa. Era uma daquelas pessoas que são capazes de deitar um olhar de desdém a tudo e mais alguma coisa — e fazia-o quase sempre.

— Isso é porque a sua contribuição provavelmente havia de ser um pénis de cavalo a sério enrolado em açafrão e rematado com folha de ouro.

— Ao passo que a sua — retrucou o James Royce-Royce — havia de ser um pão de ló coberto com pilinhas de maçapão.

— Foi por isso — puxei a minha vulva ainda mais para baixo na cabeça — que não pedi a nenhum de vocês. Esta é a nossa noite para celebrar a Bridget, não para vocês os dois fazerem um jantar temático.

A Bridge estava sentado ao meu lado, com um chapéu de pénis e, como todos os presentes, uma *T-shirt* que, por causa de uma falha de comunicação telefónica com a gráfica, dizia *Gajas da Bridge Não Oliver Não Há Problema Vamos Usar Isto Num Sentido Inócuo e Seja Como For já É Demasiado Tarde para Mudar.*

— Na verdade — disse ela —, acho que uma desgarrada culinária de temática fálica teria sido impecável.

— Cozinha com uma temática de genitália sem género — corrigiu a Priya. — Não vou chegar a casa e dizer às minhas namoradas que estive num evento culinário falocêntrico.

Namoradas, plural, era um acontecimento suficientemente recente na vida da Priya para ter atrapalhado a distribuição de lugares da Bridge. Ela e a Theresa ainda estavam juntas, mas um trio experimental no Natal acabara por se transformar numa série muito menos experimental de encontros regulares, que por sua vez se tinham transformado num relacionamento oficial sólido na altura em que eu estava a ajudar a Bridge com os convites.

— Sabes — disse-lhe eu —, a Theresa e a Andi teriam sido muito bem-vindas. Fiz *T-shirts* a mais a contar com elas e tudo.

A Priya encolheu os ombros com desdém.

— Pois, mas aquilo que um trio tem mesmo de bom é que as tuas parceiras podem fazer companhia uma à outra, em vez de terem de vir a merdas como estas, onde depois têm de fingir que gostam dos teus amigos palermas.

Fiz uma careta.

— Podemos ter presente que nem toda a gente aqui conhece toda a gente, pelo que chamar palermas aos outros pode não cair bem?

— Tudo bem. — Era a Jennifer, que estava sentada no colo do marido, a beber um *cocktail* com uma palhinha perfeitamente banal, muito obrigado. — O Brian fala sempre assim.

— Mas também — disse o Peter em baixo dela —, o próprio Brian é um bom palerma.

A Bridget abriu os braços num esforço para abranger todo o grupo.

— Que tal aceitarmos que eu vos adoro a todos, seus palermas, e não se fala mais no assunto?

— Pensando bem — o James Royce-Royce ainda estava a inspecionar o seu chupa-chupa fálico intacto —, talvez também devêssemos ter escolhido este tema para as decorações.

Olhei para ele.

— Que tal um *é que nem penses*? O meu histórico de pesquisa já é suficientemente embaraçoso.

— A sério? — A Priya estava a deitar-me um olhar de olha-que-eu-acho-que-não. — Tu e o Oliver praticamente vivem juntos. Aposto que o teu histórico de pesquisa não há de ser mais do que «como fazer compota vegana» e «passeios panorâmicos perto de Clerkenwell».

Assustadoramente, pondo de parte a pesquisa para despedidas de solteira sem género específico, aquilo estava bastante perto da verdade.

— Não tens como saber disso.

— Ainda na semana passada — disse ela num tom monótono e devastado —, mandaste-me um *e-mail* a pedir a minha opinião sobre um candeeiro de mesa.

Os outros soltaram um «Ah» de surpresa ao mesmo tempo.

— Luc! — gritou o James Royce-Royce. — Não. Um candeeiro de mesa, não.

— Cala a boca — disse eu com muita maturidade.

A Priya assentiu gravemente.

— Pois é, ele e o Oliver meteram-se na iluminação de mesa, nua e crua, *hardcore*.

— Cala-te — disse eu com muita maturidade.

— E andam nisto — continuou ela — quase todos os fins de semana. Em tudo o que é quarto da casa. Em todas as mesas.

— Foi só uma mesa. — Levantei as mãos em desespero de causa. — Uma vez.

Com um olhar de censura por cima da taça de martíni, o James Royce-Royce alçou uma sobrancelha.

— É assim que tudo começa. Antes que dês por isso, já te estás a meter em coisas mesmo pesadas, como candeeiros de pé alto.

— Já chega! — gritei. Embora o Oliver tivesse sugerido que um daqueles havia de fazer maravilhas pela zona de estar do meu apartamento.

— Espero — disse o Peter — que pelo menos estejam a usar proteção contra picos de corrente.

Levantei-me de uma forma que esperava ser decidida, não amuada.

— Detesto-vos a todos. Alguém quer outra bebida?

Felizmente, a maior parte dos traseiros já estava alçada, mas alguns amigos de trabalho da Bridge pediram uma rodada de *cosmos*. O quê!?

A caminho do bar, verifiquei o meu telemóvel para ver se o meu incrível namorado advogado ia mesmo aparecer.

Lamento imenso, dizia ele numa mensagem. **Atolado em trabalho. Estou aí o mais depressa possível.**

Lamento imenso, mais uma mensagem. **Ainda não consigo sair.**

Lamento imenso, mais outra mensagem. **Saio daqui a dez minutos.**

E depois: **Por favor, não te preocupes. Está tudo bem e de certeza que estou aí em breve.**

Depois: **Tenho a certeza de que organizaste uma festa fantástica.**

Depois: **Sei que para namorado deixo muito a desejar. Hei de compensar-te e à Bridget também de alguma maneira.**

Depois: **A sair agora. Contigo dentro de vinte minutos.**

Depois: **Mais trânsito do que previa. Desculpa.**

Isto era tão típico do Oliver. Eu estava um pouco irritado por ele não estar ali. Mas as mensagens em pânico também eram estranhamente queridas e eu estava apaixonado por ele. Portanto, tudo bem.

Estava eu a meio da escrita de uma resposta divertidamente frustrada, mas tranquilizadora, quando fui contra as costas de uma parede sólida de gente.

— Merda. — O meu polegar escorregou e, sem querer, enviei uma série de disparates ao Oliver. — Peço desculpa. Não estava…

E então a porra do meu *ex* virou-se para trás. A pior parte daquilo foi que, por uma ínfima fração de segundo, antes que a minha cabeça começasse a girar e a minha garganta se enchesse de sapos imaginários, quase fiquei contente ao vê-lo. Porque tínhamos estado juntos cinco anos, e a parte do meu cérebro que se acostumara a estar apaixonada por ele não estava bem a par do aspeto do ele-não-passa-dum-cara-de--cu-dum-traidor.

— Meu Deus — disse o homem que em tempos pensei ter-me estragado a vida. — Luc.

— Miles — guinchei. — Há que séculos. — *Séculos desde que vendeste os pormenores íntimos do nosso relacionamento a um tabloide a troco de cinquenta mil.* Mas sorri na mesma porque ele não merecia a minha autenticidade emocional.

Ele, por outro lado, sorriu como se estivesse genuinamente feliz por nos termos encontrado. Sempre teve um sorriso arrasador, e aquela nova barba imaculadamente cuidada só o tornava ainda mais arrasador. *Cretino, cretino, grandessíssimo cretino.*

— Não é? — Ele voltou-se para o jovem de aspeto impossivelmente perfeito que tinha ao lado, todo ele uma visão em purpurinas e arcos-íris. — JoJo, este é o Luc; Luc, este é o JoJo.

— Olá. — O dito JoJo pôs-se em bicos dos pés para me beijar nas duas bochechas. — Então, como é que conheces o Miles?

Ele nem sequer lhe tinha falado de mim? Mas também, como é que o teria feito? *A propósito, querido, é bom que saibas que o meu último relacionamento acabou porque fodi o gajo bem fodido?*

— Ah, nós… nós já fomos namorados.

O Miles tinha dado a volta e estava agora bem perto de mim. Pousou-me a mão nas costas de uma maneira que era em parte amistosa, em parte possessiva.

— Tempos loucos, não foram, Luc? E temos tanto para pôr em dia. Queres fazer-nos companhia num copo?

Mesmo que eu não tivesse de voltar para a festa da Bridge, aquela proposta teria ficado bem no fundo da minha lista de coisas a fazer, algures entre queimar as sobrancelhas com um maçarico de *chef* e passar um fim de semana numa banheira cheia de lulas mortas.

— Adorava — respondi —, mas agora estou muito ocupado. A Bridge vai casar e escolheu-me como dama de honor e o meu namorado deve estar mesmo a aparecer… — assim que falei no Oliver, percebi como aquilo parecia patético. Mais valia ter acrescentado: *Mas não deves saber quem é porque ele anda noutra escola.*

— Ah, ainda és amigo da Bridge? — perguntou o Miles. — Boa. Eu sei que vocês os dois sempre tiveram aquela… tu sabes… aquela cena do melhor amigo *gay* dos anos noventa.

Ele estava a falar a sério? Ele estava *mesmo* a falar a sério?

— Não sei se essa seria a melhor…

— E já que estamos a falar de casamentos — o JoJo estava radiante como um sol de banda desenhada —, posso contar-lhe?

O Miles beijou o namorado bem no alto da sua cabecinha.

— Agora, acho que vais ter de o fazer.

— Nós vamos casar!

Olhei para a mão estendida do JoJo e, sem dúvida, lá estava o anel de brilhantes, escolhido com muito mais gosto do que eu jamais teria e, sinceramente, com muito mais gosto do que eu poderia esperar do Miles. Talvez o tivesse comprado com o dinheiro que ganhara por me trair daquela maneira.

— Ah — disse eu, e então, percebendo que ele provavelmente esperava uma reação um pouco mais efusiva, acrescentei: — Parabéns.

Por um segundo ninguém disse nada, mas o confrangimento do momento falou por si. Afinal, como é que eu devia reagir àquilo? Ali estava o Miles, com aquele sorriso de vendedor de sapatos, a exibir o seu adorável noivo como se fosse um daqueles cachorrinhos que transportas numa mala de marca e a comportar-se como se não me tivesse traído daquela maneira.

— Seja como for — continuei —, eu devia. Eu tenho de. Pois.

Já estava a preparar-me para me safar quando a música mudou e *Tartarus* começou.

Tartarus. O primeiro *single* do álbum multiplatinado de Jon Fleming, *O Pêndulo do Mundo.*

Para aproveitar o entusiasmo com a segunda temporada de *O Pacote Inteiro,* o meu pai tinha dado uma série de entrevistas poderosas e sinceras a respeito da forma como a luta contra o cancro o tinha feito enfrentar a sua própria mortalidade e perceber o que realmente importava na vida. De alguma forma, o facto de ele nunca sequer ter tido cancro — de ninguém lhe ter dito que tinha cancro ou lhe ter dado algum motivo para suspeitar de que o podia ter — tinha-se perdido no meio do barulho, e ele passara a ser a verdadeira encarnação do sobrevivente. Até estava a fazer uma campanha de sensibilização pública para o SNS.

Adiante. *O Pêndulo do Mundo* era o álbum dele sobre o quão sábio e fantástico ele era, agora que era um velho idiota egoísta em vez de um jovem idiota egoísta, e *Tartarus* era uma cançãozinha fascinada com o próprio umbigo que falava de olhar para o abismo e voltar mais forte, que tinha dado um *Grammy* àquele tipo que bem se podia ir lixar. Especialmente

porque a última coisa de que eu precisava, precisamente quando tinha acabado de me encontrar com um *ex* narcisista que me tinha vendido a troco de ganhos a curto prazo, era que me lembrassem do meu pai narcisista que me tinha vendido a troco de ganhos a curto prazo.

Num esforço para me distrair, olhei para o telemóvel. A minha mensagem para o Oliver tinha-se de alguma forma corrigido automaticamente, de **Tudo bem, vemo-nos já** para **Tudo bem, vê o documento**, o que gerara toda uma série de respostas:

Qual documento?
Essa mensagem era para mim ou para outra pessoa?
Lucien, algum problema?
Estou aí assim que puder. Se há algum problema, diz.
Desculpa por estar a demorar tanto.

E eu talvez devesse ter respondido, mas não fui capaz. O destino ou o Universo ou o que quer que fosse tinha decidido esfregar-me na cara o merdoso do meu *ex*, nitidamente feliz e bem-sucedido, e o merdoso do meu pai, nitidamente feliz e bem-sucedido, e isto com trinta segundos de diferença. E embora, *tecnicamente*, eu também fosse nitidamente feliz e bem-sucedido, este facto parecia-me muito menos nítido com o meu incrível namorado advogado ainda no trânsito enquanto eu era apresentado ao fabuloso e perfeito vejam-bem-como-eu-sou-lindo-e--estou-noivo JoJo mais os seus coletes tecnicolor e anel cintilante.

Principalmente porque, como me lembrei de repente, eu ainda estava com uma vulva de croché enfiada na cabeça.

Os amigos da Bridget estavam a contar comigo para uma recarga de *cosmos*, mas naquela altura os meus deveres de dama de honor pareciam bem menos importantes do que os meus deveres de baza-daí-para--fora. O bar estava demasiado barulhento e quente, e eu precisava de um pouco de ar. Como tal, enfiei o telemóvel nas calças e fui até lá fora para uma boa dose de pena de mim mesmo à moda antiga.

Só que, depressa percebi, aquilo era mais fácil de dizer do que de fazer, porque estávamos na porra de Londres, pelo que ficar sentado ali

fora implicava assentar o traseiro num passeio onde aproximadamente vinte e sete milhões de pessoas estavam a tentar andar ao mesmo tempo, todas numa corrida desesperada de onde quer que tivessem estado para onde quer que quisessem ir e nada dispostos a dar o benefício da dúvida a alguém que se lhes atravessasse no caminho.

Não estando ainda com uma dose de autoaversão suficiente para deixar uma cidade inteira passar-me por cima, fui procurar um lugar onde me pudesse sentar e, por causa da questão de Londres anteriormente mencionada, não consegui encontrar nenhum que já não estivesse ocupado e acabei por ir ter a um jardim mal iluminado que, estivesse eu num melhor estado de espírito, teria evitado por medo de acabar assassinado e/ou preso.

E foi nesse momento que percebi que a minha melhor amiga me tinha escolhido para dama de honor do casamento com o qual sonhava desde que tinha cinco anos, e que eu tinha acabado de bazar da sua despedida de solteira sem género específico.

Porra.

Porra, porrinha, porreta.

De certa forma, foi reconfortante. As pessoas têm sempre medo de que estar num relacionamento as possa mudar, pelo que era bom saber que estar com o Oliver não tinha destruído por completo a minha capacidade de ser um amigo de merda. E um namorado de merda. E, no cômputo geral, uma pessoa de merda.

Porra.

Acabei por dar com um banco vazio e larguei-me nele como uma saca de batatas bem merdosas — daquelas que ficaram muito tempo na cozinha e já têm umas coisas bem esquisitas a crescer por todo o lado. Porque aquilo era eu, não era? Eu era uma pessoa cheia de coisas esquisitas a crescer por todo o lado. Tinha recebido a tarefa perfeitamente simples de conseguir que um grupo de pessoas que gostavam umas das outras se divertissem num bar cheio de bebidas frutadas e petiscos fálicos, e até isso eu tinha conseguido lixar.

Verifiquei outra vez o meu telemóvel.

Onde é que estás?

Porra. Também tinha lixado aquilo.

ONDE TÁS ??!!?? TÁS OK???!

Não era o Oliver, mas sim a Bridge. O que queria dizer que ela tinha dado pela minha ausência. O que queria dizer que eu estava a fazer a noite especial dela — bem, imagino que a noite especial dela fosse a de núpcias, mas aquela era uma noite só um pouco menos especial — girar toda à volta de mim.

Tirei o meu chapéu-vulva de croché e olhei para ele, e ele retribuiu-me o favor acusadoramente, qual Olho de Sauron sexual.

Porra.

Eu era a pior dama de honor de todas.

Porra.

Era um péssimo amigo e um péssimo namorado, e a razão pela qual as pessoas continuavam a lixar-me bem lixado e a abandonar-me era porque eu era péssimo e merecia.

Porra.

— Este lugar está ocupado?

Virei-me e dei com o Oliver parado atrás de mim. Parecia uma mistura engraçada de composto e desgrenhado, a gravata solta à volta do pescoço e a camisa formal desabotoada de modo que revelasse a sua bela *T-shirt Gajas da Bridge Não Oliver Não Há Problema Vamos Usar Isto Num Sentido Inócuo e Seja Como For já É Demasiado Tarde para Mudar* por baixo. Parecia mais preocupado do que zangado.

— Como é que me encontraste? — perguntei.

— A Bridget disse-me que tinhas desaparecido, então perguntei por aí para ver se alguém tinha visto um homem alto com uma vagina na cabeça a fugir de um bar de *cocktails*.

— Vulva — disse eu.

— Desculpa?

— A vagina é interna, a parte externa chama-se vulva.

Ele brindou-me com o seu sorriso mais caloroso e tranquilizador.

— Seja o que for, é um visual suficientemente específico que não foi difícil de encontrar. — Contornou o banco, sentou-se ao meu lado e

passou o braço em volta dos meus ombros. Aconcheguei-me sem sequer pensar nisso. — A Bridget disse-me que viu o Miles. Achou que podia ter sido por isso que desapareceste.

Abanei a cabeça.

— E estavam a passar a música do meu pai também.

O Oliver deu-me um ligeiro aperto.

— Parece uma tempestade perfeita. Lamento não ter estado lá.

— Eu também. Porra, desculpa, quero dizer… quero dizer, teria sido fantástico se estivesses. Não quero dizer… eu sei que tinhas de trabalhar.

— Eu sei o que queres dizer.

— Teria sido fantástico poder dizer: «Olá, Miles, vai-te foder, a minha vida é fantástica.»

O Oliver largou uma espécie de meia gargalhada.

— Podias ter dito na mesma.

— Pois podia, mas não tinha provas.

— *Tu* és a prova.

Um dia eu ainda ia deixar de me surpreender quando o Oliver dissesse exatamente a coisa certa. Mas ainda não ia ser naquele.

— Por amor de Deus, Oliver. Deixa de ser tão… tão… completamente incrível.

E ficámos ali sentados durante algum tempo, e eu senti-me seguro, abraçado e amado, e ele pegou-me na mão e não disse nada porque não era preciso.

— Além disso — disse eu, porque tinha decidido que sentir-me bem era uma coisa sobrevalorizada e queria estragar o momento —, o noivo dele tem, tipo, uns doze anos.

— Presumo que não literalmente.

— Não, mas ele é… tipo… um menino bonito chamado *JoJo*. Quero dizer, quem raio é que se chama *JoJo*?

— Presumo que seja uma pergunta retórica.

— Eu digo-te quem é que se chama JoJo — continuei. — Um cretino, é o que é.

O Oliver continuava ali e, apesar da minha decisão de insultar um inocente desconhecido, não estava a julgar-me.

— Talvez. Embora pessoalmente me pareça que o homem que te traiu e te fez ter medo de voltar a confiar em alguém é um cretino ainda maior.

— Ah, sim, ele é um grandessíssimo cretino. O que não deixa de ser irónico porque tem uma piroca pequenina.

— Isso é verdade? — O Oliver brindou-me com outro sorriso. — Ou estás só a tentar fazer-me sentir especial?

— Sabes, já nem me lembro. Mas ele *merece* ter uma piroca minúscula. E se pudesses contar a todos os teus amigos que ele tem uma piroca minúscula, era fantástico, obrigado.

Isto fê-lo rir-se.

— Por ti, Lucien, seja o que for.

Como tal, a modos que tive de o beijar.

E então, a modos que tive de o beijar outra vez. Vocês sabem, só para jogar pelo seguro.

E então, soube… soube-me bem. Porque o resto do mundo não importava. Quer dizer, importava, porque eu tinha amigos, um emprego e cenas com as quais realmente me importava. Mas o *Miles* não tinha importância, e aquele JoJo *de certeza* que não tinha importância.

— Acho… — disse eu. — Acho que agora posso voltar.

Assim sendo, levantámo-nos, devolvi o chapéu da vulva à cabeça e deixei que o Oliver Blackwood — o meu incrível namorado advogado — me acompanhasse de volta à festa de despedida de solteira sem género específico da minha melhor amiga. E soube, lá no fundo, que tudo ia correr bem.

Afinal, não era como se eu fosse voltar a ver o Miles.

CAPÍTULO 2

— *Okay* — disse eu ao Alex Twaddle. Estava mesmo a ficar sem piadas, mas o ritual encontrava-se agora tão entranhado na minha vida que eu não estava disposto a abrir mão dele. — Vamos tentar esta. Há um homem cujo trabalho é conduzir um autocarro e vender bilhetes, e ele adora o seu trabalho, mas um dia perde a paciência com um passageiro, atira-o para a rua e o dito passageiro acaba debaixo de um carro e morre.

— Bem — o Alex parecia mesmo indignado —, isso não pode ser. Especialmente para um condutor de autocarro.

— Pois não — concordei —, é uma conduta deplorável e, *spoiler*, tens de te lembrar disto porque pode ser relevante mais tarde.

— Olha que bom. — Por um momento, o Alex pareceu contemplativo. — Ouve, isso pode ser útil com as tuas piadas em geral. Dares, assim, uma deixa sobre aquilo a que devemos prestar atenção.

— Fica registado. Seja como for, ele é levado a tribunal por atirar o dito passageiro para debaixo de um carro.

O Alex assentiu.

— Por ser um mau condutor, queres tu dizer?

O pressentimento de mais-uma-daquelas-piadas-do-Alex estava a começar a instalar-se.

— Sim, acho que sim. Embora me pareça que eles provavelmente lhe tivessem chamado um homicídio. Seja como for, o juiz condena-o à cadeira elétrica.

— Bem, isso é irónico.

Esquece a piada. Esquece a piada já.

— Irónico como?

— Bem, estás a ver, um sujeito é um péssimo condutor e é condenado à cadeira elétrica. Bem, tinha imensa piada se ele fosse *tão* mau condutor que a cadeira não funcionasse, não achas? Tipo, uma espécie de jogo de palavras.

— Pois. — Eu estava encurralado. Encurralado numa prisão absurda de meta-humor com um pateta benzoca que, secretamente, era um génio que adorava atormentar-me. — Sim, isso *tinha* imensa piada. Seja como for, eles mandam-no para a… hum… para a cadeira elétrica e ela… hum… não funciona.

O Alex sorriu.

— Ah, porque ele é um mau condutor, certo?

— Pois.

— Oh. Para dizer a verdade, meu caro, não teve tanta piada como eu esperava. Na prática, não.

Devia existir alguma espécie de serviço de emergência de piadas para o qual pudéssemos ligar para nos salvar em situações como esta.

— Desculpa.

— A culpa não é tua. Embora, retrospetivamente, me pareça que saber a reviravolta com antecedência tornou tudo menos cómico.

— A sério?

Ele assentiu.

— A sério; sabes que a essência do humor é a surpresa. Então, se queres sair-te melhor nessa coisa de contar piadas, talvez seja mais útil esconderes melhor as cartas.

— Obrigado. Vou ter isso em mente. — Pronto, eu estava safo e quase…

— Sabes que mais? Vou-te mostrar como é que se faz.

Não havia forma de aquilo poder acabar bem.

— Então, Rhys. — O Alex enfiou a cabeça no gabinete das redes sociais. — Tens um segundo?

O Rhys Jones Bowen saiu do gabinete às arrecuas e a falar ao telemóvel, que empunhava num ângulo bem alto, bom para *selfies*.

— Olá, Internet — estava ele a dizer —, sou o Rhys Jones Bowen, do Cê Á Cê Cê Á, a instituição de caridade de defesa do escaravelho

bosteiro. Acabei de tomar o pequeno-almoço e agora o Alex, da receção, chamou-me porque quer alguma coisa, então, vou ver o que é e…

— Rhys — perguntei —, que estás a fazer?

Ele deitou-me um olhar como se lhe tivesse feito uma pergunta bem pateta, o que, para ser justo, não deixava de ser verdade.

— O que parece que estou a fazer; estou a transmitir em direto.

— Isso está a acontecer agora?

— Temos de acompanhar os tempos, Luc.

Brindei-o com a minha expressão mais cética.

— Olha que não é bem assim. Metade dos nossos computadores ainda tem o Windows 7 e há um mapa no corredor onde ainda constam as duas Alemanhas.

Infelizmente, o Rhys ignorou o meu apelo para manter o século XXI bem longe do nosso escritório.

— Porque é que não dizes olá para a Internet, Luc?

— Recuso-me a acreditar que alguém esteja a ver isto.

— Desculpa lá, ficas a saber que tenho quinhentos e setenta e três espetadores.

Ao mesmo tempo, pareceu-me que não eram muitos, mas muito mais do que eu estava à espera.

— Tens a certeza?

Ele mostrou-me o telemóvel, e eu vi o 573 passar para 574, enquanto abaixo do vídeo um rio de mensagens de *chat* continha inúmeras variações de **Quem é esse cretino?** e **Onde é que foi o Rhys?**

— Posso contar-te a minha piada agora? — perguntou o Alex. — Embora, no espírito da divulgação total, seja realmente mais uma piada do Luc.

Girando para incluir o Alex na imagem, o Rhys assentiu.

— Força; isto vai ser ótimo — ele fez aspas no ar com a mão livre — «conteúdo», como nós, *influencers*, lhe chamamos.

O Alex alisou o cabelo e fez o possível para parecer bem.

— Certo, então há um condutor de autocarro que é péssimo no seu trabalho e um juiz condena-o à execução.

— Isso parece um pouco exagerado. — O Rhys voltou a sua atenção para o telemóvel. — Vejam bem, pessoal, este é o problema do sistema

de justiça criminal. Os ricos e os poderosos, bem, eles podem escapar impunes seja do que for. Mas para as pessoas comuns como vocês, eu e esse condutor de autocarro, as regras são diferentes, não é?

Se eu tivesse sido esperto, poder-me-ia ter escapado enquanto eles estavam entretidos um com o outro. Só que não fui esperto.

— É só uma piada, Rhys.

— Pode ser uma piada, mas realça bem uma desigualdade sociopolítica muito real.

Ele tinha razão.

— Na versão original da piada, ele matou alguém *legitimamente.*

— Mas será que o fez? — perguntou o Rhys Jones Bowen, com um ar sério. — Ou ele estava no lugar errado à hora errada? Estás a ver, é muito fácil, Luc, estares sentado no teu confortável escritório e julgares um homem, mas histórias como esta acontecem todos os dias. Um condutor de autocarro comum a fazer pela vida, e anos de abuso por parte de um público insensível e das condições de exploração que lhe foram impostas por um sistema privatizado de transporte público…

— Calma aí. — De repente, o Alex estava interessado. — Conheço um monte de pessoas que se deram *muito* bem com as privatizações. Conseguiram algumas *pechinchas* incríveis, e estão simplesmente a fazer *pipas* de massa agora. E é tudo gente extremamente decente.

Meu Deus, o que é que eu fui fazer. Uma simples piada a respeito de uma profissão só ligeiramente obsoleta no sector público tinha-se transformado num debate sobre os efeitos a longo prazo do thatcherismo.

— Sabes, está tudo muito bem para *eles* — estava a dizer o Rhys. — Mas não podes ter uma coisa sem a outra, ou podes? Para cada um desses teus amigos que enriquece com os lucros do capitalismo do compadrio, há um pobre condutor de autocarro por aí, que apenas tenta sobreviver, matando acidentalmente um passageiro porque teve de fazer um turno triplo porque a filha precisa de uma cirurgia cardíaca e o SNS não tem camas livres e…

— Será que… — comecei, impotente. — Será que te devia ter contado aquela do «O que é que é castanho e pegajoso?»

— O que *é* que pode ser castanho e pegajoso? — quis o Alex saber.

Brindei-o com um sorriso apologético.

— Um pau.

— É verdade. — O Alex assentiu em aprovação. — Sim, devias ter contado essa. Teria sido menos provável que se tornasse política.

O Rhys tinha assumido um sorriso inocente.

— Ainda assim, é ótimo ter um bom debate de vez em quando, não é? Na próxima semana, falamos de religião. — Voltou a atenção para o telemóvel. — Seja como for, pessoal, por agora é tudo. Tenho trabalho à minha espera. Não se esqueçam de procurar o *site* Cê Á Cê Cê Á e de nos seguir no Twitter, no You Tubes, no Instant Gram, Tick Tocks e Only Fans. Até à próxima.

Terminou o *stream* e devolveu o telemóvel ao bolso.

— Hum, Rhys — comecei hesitantemente —, qual foi a última plataforma que referiste?

— Os Tick Tocks? Tens de estar nos Tick Tocks, Luc. É tudo uma questão de conteúdo vídeo.

— Temos de acompanhar o século XX — concordou o Alex.

— Não, não é o TikTok — disse eu. — O outro a seguir?

O Rhys sorriu de orelha a orelha.

— Oh, Only Fans? Sim, estive a ler um artigo e as pessoas diziam que estava a tornar-se muito popular; então, pensei que, como estou à frente das redes sociais, também me devia meter nisso. Está a correr muito bem.

— Está?

— Sim, sim. Só que estão sempre a pedir-me para tirar a camisa.

Eu não tinha a certeza de até onde queria avançar nesta estrada.

— E tu, tiras?

— Bem, não nestas últimas semanas porque tem estado bastante frio.

Okay. Portanto, eu queria percorrer exatamente esta distância e nada mais.

— Boa. Fizeste bem. Gosto de te ver a tomar iniciativas. Agora, se me dás licença, tenho uma… angariação de fundos muito importante à minha espera.

Não se pode dizer que fugi, mas também não deixei de o fazer. A vantagem de ter um gabinete só para nós é que temos sempre um lugar

para nos escondermos quando, de repente, descobrimos que um dos nossos colegas de trabalho tropeçou inadvertidamente no mundo da pornografia ligeira. O que, reconhecidamente, não acontece com frequência, mas está dentro do espetro das coisas que acontecem com frequência suficiente no CACCA para que o facto de termos um refúgio seja muito, muito bom.

O meu computador jurássico mal havia acabado de arrancar quando o meu telemóvel tocou. A amostra da mensagem dizia **Apenas para tua informação**, o que me disse que era o Oliver antes mesmo de eu ver o nome dele.

Apenas para tua informação, acho que fomos fotografados quando voltávamos para a festa.

Posso enviar-te o artigo se quiseres, mas não tens nada com que te preocupar.

Há dois anos, eu já teria visto aquilo porque os meus alertas do Google me teriam avisado. Mas o novo, sensato e controlado eu não tinha de ficar a olhar obsessivamente para cada referência ao meu nome em cada página de escândalos. **Tudo bem**, escrevi de volta. **Confio em ti.**

A porta escancarou-se e o Alex Twaddle enfiou a cabeça no meu gabinete.

— Luc, meu velho, a Doutora Fairclough quer falar contigo sobre qualquer coisa relacionada com os média.

Porra. Outra vez, não.

Pensando melhor, envia. Talvez precise disso para autodefesa.

Alguns segundos depois, apareceu um *link* para o artigo em questão. A manchete era *Sempre Soubemos Que Ele Era Um Idiota,* o que achei injusto por dois motivos: primeiro, porque eles nem sempre tinham sabido, só diziam aquilo por causa do chapéu e, segundo, porque não era como se eu estivesse a fazer alguma coisa. Estava a atravessar um jardim com o meu namorado. Se não estivesse com uma vulva na cabeça, até era uma foto bem fofinha. Que raio, até com a vulva era.

Mas a Dra. Fairclough queria falar comigo e pronto. O que estava… não estava nada bem. As coisas estavam a correr bem há já quase dois anos. A mais recente Gala do Bosteiro tinha sido um grande sucesso. Com mais doadores do que nunca. Que mais podia eu fazer? Arranjar um segundo namorado, ainda mais respeitável?

Decidindo que a indignação era melhor do que o medo, marchei até ao escritório da Dra. Fairclough e entrei.

— Ah, O'Donnell — disse ela. — Acabei de ver esta foto. — Girou o ecrã na minha direção e lá estávamos nós: eu, o Oliver e o chapéu da vulva.

E desta vez eu não ia recuar.

— Sim. Sou eu. E esse é o meu namorado que eu adoro, e esse é um chapéu em forma de vulva porque eu estava na despedida de solteira de uma amiga e pensei que ter apenas chapéus com pénis seria heteronormativo e/ou transfóbico; como tal, sim, eu estava a atravessar o jardim com um par de lábios de croché colados à cabeça e não tenho vergonha, e se o Cê Á Cê Cê Á tem algum problema com isso, então é bom que se lembre de que desta vez estou a namorar com um advogado e que vos ponho na porra dum tribunal.

A Dra. Fairclough pestanejou exatamente uma vez.

— Eu só queria ter a certeza de que estava bem.

— Oh.

Não é que eu estivesse à procura de uma briga. Mas senti-me um pouco como um toureiro que chega à arena apenas para que o touro lhe pergunte educadamente se precisa que ele lhe segure na capa.

— Afinal — continuou ela —, é uma manchete muito cruel. Eles chamam-lhe idiota.

Para dizer a verdade, eles não me chamavam idiota.

— Já vi pior.

A Dra. Fairclough pestanejou exatamente mais uma vez. Às vezes eu pensava que ela tinha mesmo uma costela de louva-a-deus.

— Bem, obrigada por esta pequena conversa. Espero que se considere emocionalmente apoiado.

De uma forma engraçada, sim. Sim, tinha a certeza de que a Dra. Fairclough acreditava que os sentimentos humanos eram um beco sem

saída evolutivo causado por uma equívoca ausência de exoesqueleto, mas ela estava a fazer um esforço, e eu tinha de lhe dar pontos por isso.

— Obrigado, Doutora F.

— Não me chame Doutora F.

— Desculpe. Obrigado, Doutora Fairclough.

A minha vida estava num ponto suficientemente bom para que o facto de não me dizerem que tinha de mudar toda a minha personalidade ou perder o emprego apenas fosse um alívio, em vez de me deixar eufórico, mas ainda me sentia relativamente otimista quando voltei para o meu gabinete e comecei a enviar *e-mails* para quem nos tinha prometido dinheiro na Gala do Bosteiro.

Mais ou menos uma hora depois, alguém bateu à minha porta. O que por si só era invulgar porque o CACCA não era daquele tipo de lugares onde se bate à porta. Era mais do tipo de enfiar a cabeça, entrar sem esperar para ser convidado e derramar café quente em cima dos outros.

— Entre — disse eu sem realmente pensar no que estava a dizer.

E era o Miles. Sem o noivo, mas mesmo assim com o ar de um homem que sabia muito bem que estava noivo de uma pequena bola de maravilhas cintilantes e quase contente com isso.

— Olá.

Fiquei demasiado chocado para me sentir furioso, demasiado furioso para ficar deprimido e demasiado deprimido para ficar chocado.

— Olá? — Tentei que parecesse em parte uma saudação, em parte uma interrogação.

— Eu… depois de nos termos encontrado ontem à noite… falei com o JoJo e expliquei-lhe quem eras e por que razão aquilo tinha sido estranho…

— Aquilo foi estranho? — perguntei com o meu tom mais descontraído de eu-nem-tive-de-fugir-dali-e-esconder-me.

— Sabes bem que foi. E eu sei que as coisas acabaram mal entre nós.

Quase não tive coragem de o questionar. Mas apenas quase.

— Acabaram mal? Vendeste-me à porra dos tabloides. Isso não é *as coisas acabaram mal*, isso é *espetaste-me um punhal nas costas.*

— Eu era novo, estúpido e inconsciente.

— Eras novo e um cara de cu.

— Tens de ser justo, Luc. — Atirou-me com aquele sorriso arrasador dele. — Tu também eras a modos que um cara de cu.

— *Okay*, éramos os dois. Só que apenas um dos nossos cus saiu da história com mais cinquenta mil no bucho.

De alguma forma, ele teve o descaramento de parecer desiludido.

— Não dês a entender que isto foi por causa do dinheiro. Não foi por causa do dinheiro.

— Olha que bom. Então, foi só mesmo para me magoar deliberadamente, não foi? Isso torna tudo muito melhor.

Sem ser convidado, o Miles sentou-se na única cadeira livre do meu gabinete.

— Não foi isso que eu quis dizer. Eu… acho que estava a sentir-me preso e pareceu-me uma saída.

— E o dinheiro foi apenas um bónus?

Finalmente, ele teve a decência de parecer envergonhado.

— E então — continuei —, apareces aqui e dizes-me isso passados todos estes anos e, o quê, estás à espera de que fique tudo bem?

Ele baixou a cabeça.

— Tudo bem, não. Eu queria… o JoJo quer… *Nós* queríamos convidar-te para o casamento.

— Desculpa lá. — Olhei-o furioso. — Por um minuto completamente absurdo e obviamente incorreto, pensei que tinhas dito que me querias convidar para o teu casamento.

— Sim.

É que eu não ia engolir aquilo.

— Deixa-me cá pensar. Que tal… *não*? Que tal *é que nem sonhes, do que é que tu estás a falar, seu pedaço de merda*?

— Tens o…

Porra. Estava a acontecer outra vez. Eu era o Bruce Willis no *Die Hard 2* com a mesma merda a acontecer comigo duas vezes.

— E não me venhas dizer que tenho o direito de estar furioso. Eu *sei que* tenho o direito de estar furioso. A questão é que, até resolveres entrar pelo meu gabinete como… como… como um Margarido

Intrometido… eu não tinha de estar furioso porque não tinha de pensar em ti de todo. Eu podia pensar em coisas normais, como o meu trabalho, o meu namorado e o facto de um dos meus colegas de trabalho não perceber que é uma estrela porno amadora.

— Uma estrela…

— Nem perguntes.

Ele levantou-se, ajeitando o casaco de uma forma que dizia *estou a ser a única pessoa razoável numa situação irrazoável.*

— Olha — disse. — Eu sabia que era um risco vir aqui.

— Que é que achaste que estavas a arriscar, exatamente? Porque, a mim, parece-me que não tinhas nada a perder com esta tua visitinha.

Aparentemente, ele ia deixar passar isto.

— Era muito importante para o JoJo que tu fosses.

— Eu nem sequer *conheço* o JoJo. Porque é que ele se importa? Porque é que *eu* havia de me importar?

— Foste uma parte importante da minha vida; então, faz sentido que tu…

Aquilo fazia sentido. Um sentido da treta. Sentido egoísta. Muito, muito sentido *à la* Miles.

— Ah, claro; então, é uma cena de absolvição. Queres que eu esteja lá para que possas deixar para trás a merda que fizeste comigo e começar uma nova vida deslumbrante com o teu novo marido deslumbrante e dizer a ti mesmo: *Está tudo bem, não tenho de me sentir mal com isto, o Luc deu a volta por cima, ele até veio ao meu casamento e tudo.*

— Pensa no assunto. — Tirou do casaco um cartão delicadamente impresso em cor creme e pousou-o na mesa ao meu lado. — Seguir em frente é o melhor para os dois.

E o problema era mesmo esse. Eu *tinha seguido* em frente. E tinha seguido mesmo muito bem.

— Vai-te embora.

E ele foi, parando à porta ao sair para me deixar um enigmático «A gente vê-se.» E fiquei ali sentado à secretária, a olhar para um convite de casamento, com umas letrinhas prateadas que diziam: O Sr. Miles Edward Greene e o Sr. John Joseph Ryan solicitam o prazer da sua companhia para celebrar a sua união. RSVP.

CAPÍTULO 3

Era a minha vez de cozinhar. Quero com isto dizer que era a única noite do mês em que o meu esmagador sentimento de culpa por nunca cozinhar superava a consciência tanto minha quanto do Oliver de que eu era uma lástima na cozinha. Uma vez que o Oliver, depois de uma longa troca de *e-mails* com a Bronwyn, tinha chegado à conclusão de que era eticamente insuportável ser vegetariano, mas não vegano, para quem pretendia preocupar-se com o bem-estar animal e, como tal, tinha cortado completamente relações com os produtos de origem animal, decidi fazer um empadão com um arco-íris de camadas de batata-doce, acelga e aipo-rábano. O que me parecera uma ótima ideia quando tinha pesquisado *boas receitas veganas* no Google alguns dias antes. Só que depois me pareceu uma péssima ideia quando dei por mim às voltas na Tesco a perguntar onde raio seria que eles tinham o aipo-rábano. E depois acabou por se revelar uma ideia incrivelmente má quando comecei a tentar concretizá-la.

Para começar, a massa comprada na loja *não era* vegana, pelo que tive de a fazer do zero e rapidamente aprendi que preparar a minha massa com leite de coco, farinha e óleo de amêndoa era muito, mas muito difícil. Principalmente quando, segundo a receita, o devia fazer durante os vinte minutos que a beterraba estava a assar no forno para que tudo estivesse lindo e pronto na hora de combinar os ingredientes.

Depois de uma hora e dez minutos de preparação de uma receita que prometia não levar mais de uma hora, eu estava coberto de farinha até aos cotovelos, a fazer malabarismos com três assadeiras diferentes que

tinham de ir ao forno em alturas diferentes, a tentar perceber se a minha massa precisava de mais leite de coco (tinha comprado a mais só para prevenir) ou mais farinha (tinha comprado a mais só para prevenir) ou menos de um ou da outra (sendo este o caso, como é que o/a poderia tirar), e voltando rapidamente à minha perceção mensal de que nunca, mas nunca mesmo, me deviam deixar entrar numa cozinha.

Por fim, consegui que a massa ficasse com uma espécie de consistência de plasticina, com a qual fui capaz de simplesmente a meter numa forma de bolo e começar a cobri-la com camadas de folhas de acelga e sêmola, o que aparentemente devia absorver os sucos, mas que eu começava fortemente a suspeitar de que, na realidade, não havia de absorver coisa nenhuma. Enfiei aquela desgraça toda no forno, marquei o temporizador e fiz um breve e desesperado esforço para limpar tudo antes de perceber que não fazia ideia por onde começar.

O Oliver chegou a casa na altura em que o alarme de fumo disparou.

— O cheiro é delicioso — gritou ele do corredor antes de ir para a sala da frente, agarrando num maço de documentos nos quais estava a trabalhar e agitando-os freneticamente sob o dito alarme.

— Obrigado. Era para ser um empadão.

— E o que é que *realmente* vai ser?

— Queres que seja sincero? — Saí da cozinha, arranquei-lhe delicadamente os papéis da mão e assumi eu a tarefa de os abanar. — Provavelmente, um *take-away*?

O alarme calou-se e o Oliver recuperou os seus documentos antes de me plantar um beijo atrasado de querido-cheguei na bochecha.

— Tenho a certeza de que vai ficar bom.

Só que nunca ficava bom. Ao longo do nosso relacionamento, tinha visto o Oliver corajosamente mastigar uma abóbora assada que era praticamente palha, comer uma sopa de espinafres que era praticamente compota e mais guisados aguados do que eu me conseguia lembrar.

Acabei por servir uma espécie de papa de vegetais com pedaços de massa queimada ou crua a boiar no meio daquilo como bolinhos incrivelmente merdosos. O Oliver tratou de temperar generosamente o que tinha no prato e atacou.

— Estás bem? — perguntou-me ele assim que conseguiu engolir um pedaço de acelga particularmente complicado. — Isto está bom, a não ser pela barafunda — indicou a carnificina que ainda enchia a cozinha —, parece que estavas mais distraído do que o habitual.

Respirei fundo. Não ia ser nada de mais. Eu não ia deixar que fosse nada de mais.

— É o Miles.

— Lamento. Não percebi que vê-lo te perturbasse tanto.

— Não, quero dizer, é o Miles *outra vez*. Tipo, ele apareceu no escritório.

Entre a sua formação como advogado profissional, uma vida inteira a assentir e a sorrir perante as críticas dos pais críticos e dois anos a fingir que gostava da minha comida, o Oliver tinha uma cara de póquer e peras, mas pareceu-me ter visto uma lisonjeira pitada de ciúme naqueles olhos dele.

— Quando?

— Hoje. No trabalho.

Ele franziu a testa.

— Isso parece-me inapropriado.

— Pois, o Miles nunca foi muito *apropriado*. — Para ser justo, nem eu.

— Que é que ele queria?

— Ele queria dizer: «Cometi um erro terrível, foge comigo», e eu respondi-lhe: «Claro que sim, meu rapagão. Vou já fazer as malas esta noite.»

O Oliver largou o garfo e lançou-me um olhar severo.

— Lucien.

— Queria convidar-me para o casamento dele.

— Ah. — Por um momento, ele ficou calado. — E queres ir?

A pergunta apanhou-me um pouco de surpresa.

— Claro que não. Havia de ser muito estranho.

— Muito bem, então. — Estendeu a mão por cima da mesa e pegou na minha. Achei que era para ser carinhoso, mas provavelmente também queria uma desculpa para parar de comer o empadão. — Parece ser um problema com uma solução muito simples.

— É só que… — *Porra.* Ele tinha feito aquilo de apoiar as minhas escolhas para me fazer confrontar o facto de que eu não tinha a certeza das ditas. — Fico a pensar se não poderia ser bom para mim, talvez.

O polegar dele passou suavemente pelos nós dos meus dedos como se tivéssemos todo o tempo do mundo e nada importasse mais do que aquela conversa, agora.

— Bom em que aspeto?

— Não sei. Uma espécie de… ponto final? Como se me pudesse ajudar eu ser capaz de me levantar e dizer: «Olha, destruíste-me totalmente daquela vez, mas agora estou bem; portanto, desejo-te tudo de bom.» Além disso, gostava de aparecer no casamento dele com o meu namorado lindo e bem-sucedido e esfregar isso mesmo naquela cara estúpida, presunçosa e barbuda dele.

Ele riu-se.

— Devo sentir-me lisonjeado ou explorado?

— Oh, somos demasiado especiais para uma dose de exploração agora, não somos?

— Depende da situação.

Era bom poder ter aquilo, apenas estar ali sentado com o Oliver a ser um pouco sedutor, mesmo enquanto eu estava a ter uma minicrise. Só que não tornava a minicrise menos crise.

— Eu continuo a andar em círculos — disse-lhe. — Num instante estou todo *Porque é que sequer pões essa hipótese, ele que se foda,* e depois fico, tipo, *Mas isso não é dar-lhe mais poder sobre ti*, e depois volto ao *Ou talvez seja isso que ele quer tu penses*, e… *argh*.

— És um homem complicado, Lucien O'Donnell.

— Obrigado, bem tento. — Suspirei. — Acho que toda esta cena do vamos-reconciliar-nos-apesar-de-eu-te-ter-atraiçoado está a trazer à tona um monte de coisas, e não tenho a certeza de onde é que quero… bem… pôr as coisas que isto traz à tona.

Ele fez-me um aceno de cabeça tranquilizador.

— Isso faz sentido. Mas, e vale o que vale, não acredito que isto seja tão parecido com o teu pai quanto possas estar a pensar.

E isto era exatamente o que eu estava a pensar. Mesmo que não o tivesse feito com aquelas palavras.

— Mas não é? Não estou apenas a pôr-me a jeito para passar a vida toda com gente que me caga em cima e depois diz: «Olha, lembras-te

daquela vez em que te caguei em cima? Era ótimo para mim se pudesses deixar isso tudo para trás e dizer que estamos bem agora.»

— Eu acho, ou melhor, *espero* — lançou-me um olhar sério por cima dos restos da sua tigela de não-empadão —, que a diferença seja que tu não estás a apostar nada no Miles. Ele não está a tentar fazer parte da tua vida; ele está só a pedir que vás ao casamento dele. E provavelmente está a fazê-lo por motivos egoístas. Não duvido de que se trate de fazer que ele e o seu novo marido se sintam melhor, em vez de fazer que *tu* te sintas melhor. Mas ele não está a pedir que te comprometas com nada.

— Eles vão estar à espera de um presente.

Ele sorriu.

— Então, compra-lhes um daqueles suportes para torradas e junta-lhe um bilhete a perguntar quando é que vai pagar as cinquenta mil libras que te deve.

Gostava de ver o lado cruel do Oliver. Não aparecia com muita frequência, mas, quando o fazia, geralmente acertava na muche.

— Eu podia fazer isso. Se for. Devo ir?

— Sabes que não posso tomar essa decisão por ti.

— Porque não? Era superconveniente. Podias simplesmente dizer: «Desculpa, Lucien, estou louco de ciúmes e recuso-me a deixar-te ir ao casamento do Miles.»

— Desculpa, Lucien — repetiu ele gentilmente. — Estou *louco* de ciúmes e recuso-me a deixar-te ir ao casamento do Miles.

— Ah, que grande treta. — Presenteei-o com a minha melhor cara de amuo. — É mais do que óbvio que não estás a ser sincero.

Ao que ele me presenteou com um olhar de falsa contrição.

— Eu sei, sou um namorado inadequado e não sei porque é que me aturas.

— Mas deves ter uma preferência, não? — insisti.

Ele pensou por um momento. Não era homem de dar uma resposta precipitada a uma pergunta importante.

— Bem, estaria a mentir se dissesse que ir ao casamento de um estranho era a minha ideia de uma noite fabulosa. E tu não deves nada ao Miles, pelo que nem ele nem o JoJo deviam ser um fator aqui.

— Sinto que estás prestes a largar-me um enorme «mas» em cima.

— Era a direção que eu ia seguir, mas agora sinto que me cortaste essa hipótese.

Aquilo era uma conversa muito séria sobre coisas muito sérias, e o Oliver estava a arranjar tempo na noite dele para namorar comigo, mas eu não podia deixar passar aquilo sem comentar.

— Oliver, eu nunca cortaria um dos teus «mas».

— Lucien — os olhos dele estavam doces enquanto a boca se esforçava imenso para continuar séria —, estás a tornar muito difícil para mim acabar a frase.

— Desculpa. Desculpa. — Fiz uma pausa. — Atira-me lá com o «mas».

— *Mas* — disse ele cuidadosamente —, só porque o Miles está a ter um comportamento egoísta, isso não quer dizer que ir ao casamento dele não seria bom para ti. Se seguir em frente e traçar um limite para o passado te faria sentir melhor, não devias deixar de o fazer só porque isso pode fazê-lo sentir-se melhor também. Isto faz sentido?

Até fazia. A modos que.

— Mas… e se saber que isso o fará sentir-se melhor me fizer sentir pior?

— Então, talvez tenhas de revisitar a questão de ele ainda ter poder sobre ti.

Ah. Certo. Os meus ombros caíram. Eu devia… já não estar assim.

— Porque é que as pessoas continuam a ter poder sobre mim?

— Bem, uma delas era o teu pai, pelo que esse poder é um dado adquirido. E a outra é alguém por quem estiveste apaixonado e que te traiu.

— Então, eu tenho de ir ao casamento para provar…

Eu não fazia ideia de onde queria chegar com aquilo, mas, felizmente, o Oliver interrompeu-me:

— Não tens de fazer nada para provar nada. A ninguém. Nem ao Miles, nem a mim, e nem a ti mesmo.

Era o que ele pensava. Só que ele não era eu.

— De qualquer forma — continuou —, tens tempo. Podes pensar nisso. E se quiseres ir, é claro que hei de estar contigo. E se não quiseres, eu… continuo a estar contigo. E havemos de fazer qualquer coisa muito mais interessante do que veres o teu ex-namorado e alguém que

viste uma vez darem uma festa enorme e cara para celebrar um relacionamento que não significa nada para ti.

Só consegui pestanejar.

— Uau. Isso é uma visão cínica do casamento até para mim, e o meu pai era um idiota drogado que abandonou a minha mãe antes sequer que eu soubesse falar.

— Não me oponho ao casamento em geral. — Ele fez um sorrisinho tenso. — Simplesmente não sou do tipo capaz de se interessar pelo aparato se o casal não me interessar.

Eu também não me achava capaz, para dizer a verdade. Só tinha aceitado ajudar a organizar o casamento da Bridge porque ela era a minha melhor amiga e eu tinha a certeza de que ela própria havia de fazer todos os planos mais importantes. Claro que uma parte disto se devia ao facto de, durante a maior parte da minha vida, não me ter parecido que casamento fosse uma coisa que eu alguma vez fosse capaz de fazer. E, de certa forma, era bom pensar que, se eu estivesse realmente a crescer hoje, seria capaz de ser um desses miúdos que passam os dias a planear o seu casamento ideal com o homem dos seus sonhos. Mas, noutros aspetos, parecia que aquilo me tinha passado ao lado.

— Entendo. E só para que fique bem claro, não estou a apostar *nem um pouco* no Miles. Tipo, é que de maneira nenhuma. Nem um pouquinho.

— Ainda bem.

Havia uma firmeza naquele *ainda bem* que parecia mais clara do que aquela atitude do estou-contigo-dê-por-onde-der dava a entender.

— Oliver — disse eu, porque queria que ficasse devidamente registado —, só por acaso, estás só com um bocadinho de ciúmes, não estás?

— Não.

A resposta foi demasiado rápida para ser convincente. Sorri de forma triunfante.

— Estás, sim. Meu Deus, estás mesmo. Isso é incrível porque quer dizer que gostas tanto de mim que não queres que mais ninguém me tenha. Ou talvez seja superinsultuoso porque dá a entender que achas que tenho a cabeça tão lixada que sou capaz de voltar para um tipo que me traiu e que se vai casar com outra pessoa.

— Bem, é óbvio que gosto de ti, Lucien — murmurou ele. — No geral. Não necessariamente agora. E eu sei que é irracional. Embora eu tenha um longo historial de pessoas que me deixaram, foi sempre por motivos bastante banais, não porque decidiram fugir com o *ex* no casamento do próprio.

Era uma vez e esta teria sido uma oportunidade para o provocar e eu teria dito alguma coisa como *prometo que, quando te deixar, será por causa de algo trivial.* Mas o Oliver tinha sido largado muitas vezes, e mesmo que ele soubesse que era uma piada, seria uma piada das que magoam.

— Prometo que não te vou deixar. Não pelo Miles. Não por te teres tornado vegano. Nem mesmo por causa daquela vez em que ficaste mesmo chateado comigo por deixar as minhas meias na sala.

Isto arrebitou-o logo. Aqueles olhos adquiriram um brilho de aço.

— Há um lugar — disse ele — apropriado para as meias.

E provavelmente o facto de o Oliver me chamar assim à atenção por causa das minhas meias me parecer um pouco excitante dizia algo estranho sobre o meu cérebro ou o nosso relacionamento.

— Desculpa. — Fiz uma tentativa inútil de parecer arrependido. — Não passo de uma rameira imunda agarrada a meias.

— Lucien, estarás por acaso a tentar transformar a minha irritação com a tua incapacidade de deixar a roupa arrumada nalguma espécie de jogo sexual?

Lancei-lhe um olhar esperançoso.

— Está a resultar?

— Bem, armaste uma confusão desgraçada na cozinha.

— Eu sei. Mereço ser castigado.

— Já foste castigado — disse ele. — Tiveste de comer aquele empadão medonho.

— Esse não é o tipo de castigo que eu tinha em mente.

Já de pé, ele levantou cuidadosamente as tigelas da mesa.

— Não me parece que enquadrares o sexo comigo como um castigo seja o elogio que tu pensas que é.

— Bem, também não me parece que «anda cá e papa-me porque gostas de mim» tenha um quê de *flirt* minimamente interessante.

— Mas, Lucien — a voz dele tornou-se muito baixa e muito suave —, eu gosto de ti. Eu gosto muito de ti.

Okay, talvez estivesse a dar resultado. Só que, mesmo depois de dois anos de relacionamento, de autocuidado e desenvolvimento emocional, ainda me assustava o quão vulnerável o sexo me podia fazer sentir. O que queria dizer que era muito mais fácil dizer *Dá-me uns açoites, paizinho*, algo que ambos sabíamos que eu não queria dizer, do que *Abraça-me, amo-te*, que era definitivamente verdade. E eu estava apenas a tentar encontrar uma maneira de articular isto — ver acima, em desenvolvimento emocional — quando o Oliver voltou, já sem tigelas, e me agarrou firmemente pelo pulso.

— Que é que… — comecei, quando dei por mim a ser levado para cima da mesa.

— Estou a mostrar-te o quanto gosto de ti.

Argh. Socorro. Os meus sentimentos. Fiz uma valente tentativa para não me derreter por todo o lado.

— Vou sentir-me mal se estragarmos esta mesa.

— A sério? — perguntou ele. — Já eu, não me importo nem um pouco.

E então ele beijou-me e deixei de me importar também. Porque o que quer que estivesse a acontecer — apesar do Miles e do JoJo Ryan, e do casamento da Bridge, e da desgraça do meu passado e da desgraça em que eu provavelmente havia de transformar o meu futuro —, o Oliver era meu, e eu era dele, e eu estava a modos que completamente, embaraçosamente e repugnantemente apaixonado por ele. Sobretudo quando ele sabia exatamente como me tocar, brusco e terno e cuidadoso e interminavelmente… ele. Quando ele sabia como me fazer esquecer das minhas incertezas e da minha insegurança de modo que não tivesse medo de me agarrar a ele como precisava de me agarrar e deixá-lo agarrar-se a mim como ele precisava de se agarrar também. E dizer-lhe o quanto ele era maravilhoso, o quanto ele me fazia feliz. Todas as outras coisas para as quais eu apenas começava a encontrar palavras.

E nem sequer dizer *eu avisei* quando destruímos a mesa por completo.